

Comentário do Gestor

Em outubro, a ponta longa da curva de juros americana repetiu o enredo dos últimos meses e abriu, mais por motivos técnicos que política monetária. A sobreoferta de títulos nos leilões do Tesouro americano tem sido o principal fator de pressão, exemplificado pela distensão após a divulgação do calendário de leilões para próximo trimestre, com uma oferta menor que o esperado pelo mercado. A surpresa positiva nos dados de atividade, corroborando a robustez da economia americana, e a preocupação com o fiscal também são fatores que contribuíram para o movimento de abertura. Além disso, a guerra entre Israel e Hamas adicionou risco geopolítico, por potencial expansão do conflito em um mundo polarizado, além do conseqüente impacto no preço do petróleo, prejudicando o desempenho dos ativos de risco em geral.

A curva de juros americana abriu e empinou, com o vértice de 2 anos praticamente estável e o de 10 anos com movimento mais forte, ao abrir 36 pb, a 4,93%. No mercado de renda fixa, os principais índices tiveram abertura nas taxas, exceto o risco país do Brasil (CDS de 5 anos) que fechou de 188 pb para 183 pb. O spread do índice de bonds corporativos da América Latina, compilado pela Bloomberg, abriu 50 pb, de 417 pb para 467 pb, e o spread dos títulos americanos de alto rendimento dos EUA (US High Yield) avançando de 480 pb para 517 pb. O DXY (Dólar Index - cesta de moedas contra o dólar americano) e o BRL tiveram comportamentos semelhantes, ao ficarem próximos da estabilidade. As bolsas americanas recuaram no mês, com S&P 500 a -2,2% e Nasdaq a -2,8%, e o Ibovespa recuou 3,0%. O benchmark de volatilidade do S&P 500 (VIX) teve avanço, de 17,52 do mês anterior para 18,14.

Nos Estados Unidos, a atividade continua resiliente, ilustrado pelos dados divulgados referentes à setembro, como vendas no varejo e produção industrial, acima do consenso de mercado, assim como em agosto. O PIB do terceiro trimestre anualizado registrou avanço de 4,9% t/t anualizado, ante consenso de 4,5% t/t e 2,1% t/t do segundo trimestre, por fortes gastos dos consumidores em serviços e bens e por recomposição dos estoques pelas companhias. Na leitura anual, avançou de 2,4% no segundo trimestre para 2,9% no terceiro trimestre.

Em relação à inflação, o CPI registrou 3,7% a/a em setembro, estável frente ao último mês e acima do consenso de 3,6% a/a, enquanto núcleo recuou de 4,3% a/a em agosto para 4,1% a/a, em linha com expectativas. Já o PCE de setembro veio em linha com o esperado, a 3,4% a/a e núcleo 3,7% a/a, ante 3,4% a/a e 3,8% a/a do mês anterior, respectivamente. No mercado de trabalho, surpresa negativa em setembro, ao registrar criação de 336 mil vagas, bem acima do consenso de 170 mil, levando desemprego a 3,8%. Entretanto, os dados de outubro, divulgados no início de novembro, reverteram a tendência, ao apontar criação de 150 mil vagas, ante consenso de 180 mil, um nível confortável e que não pressiona inflação, segundo membros do Fed.

Nesse ambiente de atividade forte, inflação cadente e mercado de trabalho desacelerando, o FOMC manteve os juros entre 5,25% e 5,50%. Ao longo do mês, seus membros tiveram discursos mais *dovish*, ao pontuarem que a abertura da curva de juros americana equivaleria a alta de juros pela autoridade monetária. Além disso, foi divulgado o calendário dos próximos leilões do Tesouro americano, que veio com volume de emissão abaixo do esperado e proporcionou queda abrupta nas taxas futuras de juros no início de novembro.

Na China, o Governo continua a prover ajuda financeira para dirimir a queda da atividade, ainda mais presente em ajuda aos governos locais, o que colaborou com valorização de quase 3% do minério de ferro no mês. No Japão, o BoJ continuou com sua política ultrafrouxa, mantendo o limite superior para os títulos de dez anos em 1%, mas suavizando mensagem ao colocar como referência, e não mais como limite rígido. O mercado esperava uma decisão mais *hawkish*, elevando o limite superior, o que levou o iene aos valores mais baixos em décadas.

Na Zona do Euro, o PIB do terceiro trimestre desapontou, recuando 0,1% t/t, ante consenso de estabilidade, levando leitura anual de 0,5% a/a no segundo trimestre para 0,1% a/a neste trimestre, abaixo do consenso de 0,2% a/a. Além disso, a inflação se mostrou declinante, de 4,3% a/a em setembro para 2,9% a/a em outubro, ante consenso de 3,1% a/a, e harmonizada de 4,5% a/a em setembro para 4,2% a/a em outubro, em linha com consenso. Esses dois fatores corroboram a linguagem mais leve também de membros do BCE, que ao manter a taxa de juros no fim do mês passado, parecem ter dado um ponto final ao ciclo de alta.

No Brasil, o Banco Central cortou 50 pb, em linha com consenso e contratou mais duas quedas de mesma magnitude: “redução de mesma magnitude nas próximas reuniões “, reduzindo expectativa daqueles que esperavam aceleração da velocidade de corte. A piora no cenário externo e do risco fiscal interno pela discussão da meta de déficit de 2024, por mais que não presente explicitamente no comunicado, provocou revisões altistas para taxa final de juros por algumas instituições. Nossos pares também vêm adotando uma postura cautelosa, com Colômbia e México postergando possível corte de juros, e Chile diminuindo ritmo de queda, que começou com cortes de 100 pbs, virou 75 pbs na seguinte, e nesta última reunião, 50 pbs.

Na política, o principal assunto foi a discussão da meta de déficit primário para 2024. A previsão otimista de meta zerada já se tornou inverossímil e até membros da equipe de Haddad comentam que provavelmente não será atingida, pela arrecadação estar desapontando, tanto nos dados de atividade recorrente, quanto por frustrações de receita nas medidas arrecadatórias propostas pelo Governo. Haddad continua na luta pelo déficit zerado, tentando passar uma imagem fiscalista, enquanto Lula e bancada petista mais orgânica fazem discursos explícitos de que a meta deve ser modificada. Por mais que o mercado já esperasse déficit próximo a 0,8% do PIB, um discurso menos fiscalista por parte do presidente, desautorizando o ministro Haddad, piora as expectativas.

Desempenho do fundo

O fundo teve rentabilidade de -0,41% no mês, ante CDI de 1,00%. Nos últimos 12 meses, o fundo valorizou 10,91%, contra um CDI de 13,42%, equivalente a 81% do CDI. A volatilidade para esse mesmo período ficou em 3,71%. O fundo está com sua *duration* consolidada em 5,1 anos e uma carteira de *bonds* com *yield* de 9,28% em dólares. As maiores posições do fundo são: Brasil (soberano), Banorte, Petrobras, Suzano e Tupy.



Salientamos que o fundo está bem posicionado para enfrentar os desafios de curto e médio prazos e que nossa gestão continua especialmente ativa, pronta para agir caso o cenário corrente se desvie de nossas expectativas de mercado.



OBJETIVO DO FUNDO

O fundo Octante Crédito Privado FIC FIM IE prevê a aplicação de no mínimo 95% do seu patrimônio líquido nas cotas do Fundo Master (Octante Crédito Privado Master FIM IE), que tem como objetivo buscar rendimentos superiores a 100% da variação do CDI no longo prazo, através do investimento em *bonds* corporativos e soberanos da América Latina, concentrado em Brasil, com proteção cambial.

HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

Retornos mensais	Fundo	CDI	%CDI
Desde o início	472,33%	256,37%	184%
Últimos 12 meses	10,91%	13,42%	81%
out-23	-0,41%	1,00%	-
set-23	-0,41%	0,97%	-
ago-23	0,32%	1,14%	28%
jul-23	2,85%	1,07%	266%
jun-23	1,60%	1,07%	150%
mai-23	-0,06%	1,12%	-
abr-23	1,00%	0,92%	109%
mar-23	0,43%	1,17%	37%
fev-23	-1,34%	0,92%	-
jan-23	1,27%	1,12%	113%
dez-22	1,53%	1,12%	137%
nov-22	3,73%	1,02%	366%

Retornos anuais	Fundo	CDI	%CDI
2023	5,32%	11,02%	48%
2022	14,54%	12,37%	118%
2021	4,34%	4,40%	99%
2020	9,20%	2,77%	332%
2019	19,12%	5,97%	320%
2018	10,12%	6,42%	158%
2017	15,70%	9,95%	158%
2016	37,90%	14,00%	271%
2015	4,25%	13,23%	32%
2014	13,98%	10,81%	129%
2013	2,79%	8,05%	35%
2012	17,40%	8,41%	207%
2011	17,15%	11,59%	148%
2010	14,38%	9,74%	148%
2009*	3,73%	4,64%	80%

*desde 17/06/2009

INFORMAÇÕES GERAIS

Investimento Mínimo	R\$ 5.000,00
Movimentação Mínima	R\$ 1.000,00
Taxa de Administração*	1,50% ao ano
Taxa de Performance	20% do que exceder 100% do CDI
Classificação Anbima	Multimercados Investimento no Exterior
Horário limite para aplicação	14:00 horas
Cota do Resgate	D+15 dias corridos
Pagamento do Resgate	D+2 da cotização
Banco	Itaú Unibanco (341)
Agência	8541
Conta	37445-3
CNPJ	09.577.092/0001-41
Favorecido	Octante Crédito Privado FIC FIM IE
Gestor	Octante Gestão de Recursos Ltda
Administrador	INTRAG
Custodiante	Banco Itaú S.A.
Auditor	PWC
ISIN	BROCTACTF005

*Taxa de administração total de 1,50% a.a., sendo 1,00% a.a. incidente sobre os investimentos no Octante Crédito Privado FIC FIM IE, acrescido de 0,50% incidente sobre os investimentos do Octante Crédito Privado FIC FIM IE no Octante Crédito Privado Master FIM IE

As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FCC. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura e a rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial dos emissores responsáveis pelos ativos do Fundo.

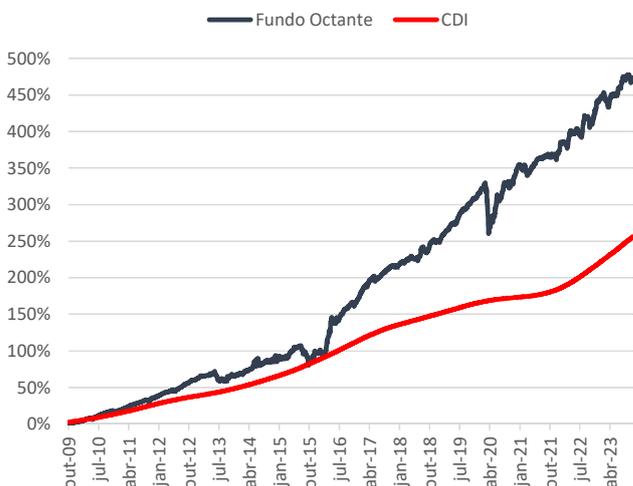
PÚBLICO ALVO

O fundo se destina a receber, exclusivamente, aplicações de investidores qualificados.

ESTATÍSTICAS DO FUNDO

% de Meses de Retorno Positivo	82,1%
% de Meses de Retorno Negativo	17,9%
Volatilidade no Mês (Anualizada)	4,67%
Volatilidade 12 Meses (Anualizada)	3,71%
Índice Sharpe 12 meses	-0,68
Valor da Cota em 31 de outubro de 2023	5.733,28
PL em 31 de outubro de 2023	45.429.290
PL Médio (12 meses)	44.451.181
PL do Master em 31 de outubro de 2023	103.513.455
Current Yield da Carteira de Bonds em USD	9,28%
Duration Média Consolidada	5,1 anos

RENTABILIDADE HISTÓRICA



COMPOSIÇÃO POR PAÍS



COMPOSIÇÃO SETORIAL

